



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

**EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIA NA
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

Jéssica Cristine Cardoso Carvalho

Brasília – DF

2015

Jéssica Cristine Cardoso Carvalho

**EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIA NA
COMUNIDADE DO SOL NASCENTE**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Jéssica Letícia de Souza da Silva, intitulado *“EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE DO SOL NASCENTE”*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em **30/06/2015** à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professor Dr^o José Luiz Villar Mella - Examinador
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira - Examinadora
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

DEDICATÓRIA

Com imenso carinho, dedico aos meus pais e amigos que de alguma maneira colaboraram para a construção deste, seja com palavras, ideias, sugestões, materiais, apoio moral e muita paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela superação de mais um desafio realizado, que é a construção deste trabalho.

Aos meus familiares, pela contribuição com suas orações e palavras de ânimo e esperança que tudo iria dar certo.

Agradeço em especial as minhas companheiras de curso que se tornaram amigas da vida: Isabella, Priscilla, Kerollayne, Maria Luiza, Jéssica Letícia, Késsia, que estiveram ao meu lado, seja para ouvir meus lamentos, meus desabafos, minhas dúvidas ou para comemorar minhas pequenas vitórias tanto no pessoal quanto no profissional.

A professora Dr. Sônia Marise Salles de Carvalho, pessoa há quem muito estimo e cultivo verdadeira admiração, por ser para mim um exemplo de profissional que sabe reconhecer o ser humano dentro de cada um.

E a todos os professores que passaram em minha vida, meu muitíssimo obrigado pela cooperação, compreensão e a paciência de sempre.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as práticas e valores que caracterizam a Economia Solidária, junto com a Educação Popular. Educação popular e economia solidária é uma construção de um mundo novo, que re-humanize os seres humanos, fazendo redescobrir sua capacidade de construção como sujeito da sua consciência e do mundo em que vive. Como a educação é um processo de mediação de ensino-aprendizagem e colocando sua importância nas relações sociais, é necessário fazer uma reflexão da educação popular, na perspectiva da economia solidária que é uma economia voltada para a valorização do ser humano.

Palavras-chave: educação popular, economia solidária, educação.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the practices and values that characterize the Solidarity Economy , along with the Popular Education . Popular education and solidarity economy is a construction of a new world , to re- humanize humans , making rediscover their capacity building as the subject of his conscience and the world you live in . Since education is a process of teaching and learning mediation and putting their importance in social relations , it is necessary to reflect on popular education in view of the solidarity economy is an economy for valuing human life .

Keywords: popular education , solidarity economy , education

EPÍGRAFE

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo.” Paulo Freire.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO.....	13
PARTE II - monografia.....	18
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR.....	21
1.1 Abordagem Histórica da Educação Popular.....	21
1.2 Educação Popular uma Pedagogia da transformação social	26
1.3 Economia Solidária como Prática Dialógica.....	29
CAPÍTULO 2 - RELATO DE EXPERIENCIA NO SOL NASCENTE	33
2.1 Breve Histórico da comunidade do Sol Nascente	33
2.2 Intervenção Pedagógica.....	34
2.3 Experiência do Projeto Economia Solidária no Sol Nascente	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	47
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXO (S)	51

APRESENTAÇÃO

O curso de Pedagogia nos proporciona um currículo onde a prática e teoria se aplica em diversos contextos da educação, portanto constitui aplicação da pesquisa, ensino e extensão. O projeto acadêmico da FE foi muito significativo na minha formação, através das pesquisas realizadas.

O objetivo deste trabalho é analisar as práticas e valores que caracterizam a Economia Solidária, junto com a Educação Popular.

Como a educação é um processo de mediação de ensino-aprendizagem e colocando sua importância nas relações sociais, é necessário fazer uma reflexão da educação popular, na perspectiva da economia solidária que é uma economia voltada para a valorização do ser humano.

O projeto vai tentar desconstruir um modelo capitalista, a fim de fazer com que os indivíduos se tornem sujeitos conscientes da sua própria história, como parte da sociedade. Que procurem um caminho alternativo, onde resistam à opressão que está inserida na sociedade.

Sendo assim, a Economia Solidária e Educação Popular são práticas dialógicas que não trata a educação no seu sentido geral, mas de uma prática pedagógica que está relacionada à vida e interesses sociais, não está vinculada ao capital, aos valores do mercado, mas sim de uma economia que se preocupa com a vida dos que são “excluídos”.

A primeira parte deste trabalho refere-se ao memorial acadêmico. No qual relato fatos da minha trajetória escolar até chegar na Universidade. Enfatizo os momentos significativos, experiências e motivações para compreender o processo de formação acadêmico e profissional.

A segunda parte relata sobre “Relato de Experiência no Sol Nascente”, onde descrevo um breve histórico da comunidade e seus problemas, em seguida procuro desenvolver a partir de um suporte teórico, compreender a educação popular tendo como princípios a economia solidária, na dialogia que é uma *práxis* de interação, cooperação, dialogo e sociedade com os atores sociais envolvidos.

A terceira parte traz às “Perspectivas Profissionais” que é referente as minhas expectativas diante da atuação profissional como pedagoga.

PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

No dia primeiro de junho de 1992, nasce a filha do Flávio da Silva e Andréia da Silva Cardoso. Nascimento que ocorreu no Hospital Pronto Norte, da Asa Norte em Brasília. Filha de pais que amam sua filha incentiva e encoraja, a ter fé na vida e nas pessoas. Sempre fizeram de tudo para que tivesse o melhor estudo. Não estou nessa jornada sozinha, pois tenho comigo uma irmã caçula Gabriela, que sempre esteve e está comigo em qualquer situação, até nas tribulações da vida.

Minha trajetória começa desde cedo aos três anos, em 1995 onde tive o primeiro contato com a escola, sob os olhos atentos dos meus pais, que desejavam que eu fosse bem sucedida em minha vida escolar. Iria iniciar o pré-escolar I e II. Não havia choro nem preguiça para ir estudar. Era uma escola de pouco espaço físico, mais era muito satisfatório estudar na mesma, onde tive grandes professores. Tudo isso valeu a pena e é com grande saudade que relembro agora. Lembro-me bem, que era uma simples escola, que ficava na região de Taguatinga Norte. Escola Casinha Feliz.

Quando passei para o Jardim III (como na época se chamava) mudei para uma escola de proximidade maior a casa de minha tia, pois minha mãe começara a trabalhar em tempo integral em sua loja, dessa maneira minha tia, mãe do primo Valmir, ia nos buscar. Chamava-se Colégio Triângulo, em Taguatinga. Recordo-me bem dessa minha fase pré-escolar, pois onde me lembro das festas do dia das mães e pais, festas juninas, comemoração do dia do professor entre outros, tudo era motivo de comemoração! E foi onde eu aprendi a escrever, a ler e amarrar o cadarço do tênis. Portanto a primeira formatura torna-se um evento, com direito a convite e tudo, agora sou uma menina alfabetizada, lembro-me do meu pai me pedindo que soletrasse as minhas primeiras palavras na frente meus tios e avós. Deparo-me e vejo que foi por conta desses professores que meu conhecimento de saber ler e escrever instantaneamente impressionou outros professores quando passei para o ensino fundamental. Completei meu Ensino Infantil, sem modéstia, com as melhores professoras. Certamente, foi nessas escolas que adquiri meus conhecimentos prévios, minha autonomia como criança e amizades que só a gente como criança consegue ter.

Em 1998, ingressei no Ensino Fundamental, com seis anos. Na época meus pais queriam me colocar em uma escola particular perto de casa, onde era nomeada a melhor escola da região, mas resistir a escola pois queria de acompanhar meus primos onde eles estiverem, logo fui parar em uma escola pública. Eles ficaram assustados, porém não foi tão difícil os fazer aceitarem a decisão. Só foi difícil por conta que amorosamente tinha um vínculo muito forte com meus primos, onde um foi morar em São Paulo, e outro foi para a escola denominada “melhor”.

Na minha 1º série, conheci um mundo totalmente diferente do que já tinha visto antes. Mas sempre fui uma boa aluna, e digamos com “notas” sempre altas, como as professoras costumavam me rotular. Na escola exigia formação em fila, execução do hino nacional, fui uma aluna digamos que exemplar no meu ensino fundamental. Na metade da série, a professora conversou com minha mãe e disse que poderia “pular” de série, pois estava muito avançada para continuar na turma. Normalmente, naquele tempo, acontecia de “pular” os alunos de série. Hoje não vemos mais isso. Então, minha mãe aceitou e fui para a 2º série. Onde não tive uma experiência de 1º série, nem de amigos, nem de conteúdos propriamente ditos.

Meu Ensino Fundamental então começa a partir da 2º serie. Entretanto não deixando de mencionar, na Escola Classe 40 de Taguatinga. Foi onde fiquei até a 6º serie. O bom disso, que tomei gosto pela escola pública, não era aquele bicho de sete cabeças que todo mundo falava. Tive o melhor ensino básico, profissionais e professores totalmente competentes. Não me esqueço das aulas de português, foi onde tomei gosto pela leitura. Devo agradecer esses professores por terem me transformado numa pessoa boa. Nessa escola pude encontrar as melhores amizades, que levo até hoje comigo.

Não podendo esquecer que venho terminar o Ensino Fundamental, noutra escola pública da mesma região, Centro de Ensino 04 de Taguatinga. Onde cresci e aprendi que nem todo professor é o mesmo. Terminando o Fundamental, com gosto de vitória e ao mesmo medo do que vinha pela frente. Pensava que os professores me tratariam da mesma forma como nas séries passadas. Mas, pela minha surpresa, não. Como dizem “nem tudo são flores”. E foi dada a largada.

Em 2006, chega o tão esperado Ensino Médio no Centro de Ensino 06 Taguatinga. Onde construí todo o meu conhecimento e minha personalidade. Obtive

sucesso e frustrações. Notas vermelhas e notas azuis. Amigos e colegas. Professores ótimos, péssimos, bons, péssimos de novo. Conheci outra realidade da escola pública, da ausência de professores. Mas, uma escola com boa infraestrutura, vários projetos voltados aos alunos, à proposta pedagógica era excelente. No horário contrário da aula, tínhamos direito a dança, capoeira, informática, e instrutor dos alunos do Ensino Fundamental à tarde, isso garantia notas nas matérias. A maioria das pessoas diz que nossas vidas são feitas de escolhas, e partir dessa minha escolha de ser instrutora, mudou a minha vida e comecei a enxergar a sala de aula e os professores de uma maneira diferente. Apesar de alguns anos atrás ter somente uns 15 anos, aquilo me mudou. Pude reconhecer o valor do professor.

Antes de terminar o Ensino Médio a maioria dos amigos e colegas já sabia o que iriam cursar. Apesar, de ter me apaixonado por ser instrutora dos alunos e que por um lado eu poderia futuramente estar cursando Pedagogia, meu sonho naquele momento era ser Fisioterapeuta. E ficou sendo por algum tempo... Finalmente o Médio acabou, com lágrimas nos olhos, mas com esperança de um futuro melhor tanto para mim, quanto para o mundo.

Passa-se mais um ano, e em 2009 meus pais que sempre quiseram ver suas filhas formadas na Universidade Federal de Brasília, chega à oportunidade de eles fazerem a matrícula em um cursinho vestibular no ALUB. Minha trajetória da vida acadêmica começa aqui. Apesar de todos os esforços dos meus pais, eu não tinha esse sonho, logo não me dediquei, nem estudei para passar no curso de Fisioterapia. Como meus pais já estavam agoniados querendo algum resultado. Conheci uma amiga Isabella nesse cursinho, e durante muitas conversas, estudos e desespero encontrou um curso com nota de corte inferior, Ciências Naturais, na FUP (Faculdade Universidade de Planaltina). Fiz o vestibular e ficamos aguardando o resultado. Durante esse processo, com medo de um resultado infeliz. Meu pai me matricula na UNIP, para fazer fisioterapia. Era a minha grande chance. Estava extremamente feliz. Com tudo, o resultado da UNB, logo saiu e para a alegria dos meus pais meu nome estava na aprovação. Adeus fisioterapia.

No ano de 2010 começa minha vida acadêmica, e sem saber do que estava fazendo da minha vida, mas confiante que tudo daria certo. Ciências Naturais um

curso que requer muitos conhecimentos da área de exatas, acabei me perdendo e me frustrando no meio do caminho. De algum modo fora aparecendo matérias das humanas, o curso era para você se tornar um grande professor. Logo percebi que o meu destino já estava traçado há muito tempo. Desde quando quis ensinar os alunos do Fundamental quando estava no Ensino Médio. Passei um ano e meio fazendo o curso. Quando fiz a matéria: filosofia e sociologia da educação. Percebi que estava no curso errado, afinal minha vocação seria ensinar e aprender com as crianças e EJA. Decerto prestei vestibular para Pedagogia e ingressei na Universidade.

Com tudo, ao cursar Pedagogia, uma das funções pedagógicas avaliativas que aprendi é, aprenda sempre, saiba pensar, informe-se e conclua suas ideias e informações. Aprendi que para o ensino e aprendizagem se efetivem, é necessária uma proposta pedagógica crítica.

No decorrer, aceitei uma proposta de estágio na Educação Infantil, no primeiro semestre, com observações e reflexões acerca do trabalho desenvolvido na escola Ursinho Feliz em 2011. Onde proporcionou a elaboração de um projeto de estágio, tendo como princípio primordial contribuir para a qualidade do Ensino Infantil dessa instituição. Depois de um ano, Escola Cresça, é uma escola que atendia alunos com necessidades educacionais especiais, pude vivenciar e aprender com alunos de TDH, hiperativismo, Down, entre outros. Ao contrário do que esperava não me assustei com a realidade da sala, fiquei empolgada para ajudar os alunos que requeriam uma atenção especial.

Logo, o curso de Pedagogia apresenta conteúdos que possam sustentar tais práticas pedagógicas, e não apenas vai ensinar os conteúdos para dar aula. Tive grandes matérias como: história da educação, filosofia da educação, sociologia da educação, psicologia da educação, entre outras. Não posso deixar de citar os Projetos três e quatro que abriram minha visão sobre o mundo e sociedade que vivemos.

Com certa admiração na questão educação, pude conhecer a professora Sônia Marise, que administra os projetos três, quatro e cinco sobre Economia Solidária. De fato, fiquei admirada com o seu engajamento sobre o assunto e com seu carinho com os alunos. Entrei no projeto sem saber qual era o procedimento e

do que se tratava. Mas sabia que era algo relacionado com comunidades carentes. Desde que estudei Paulo Freire e pesquisei e me interessei sobre Educação Popular, sabia que era sobre isso meu projeto final.

Foi no projeto 3 fase 1 que pude aprender o que é Economia Solidária. É vital que o projeto é uma mobilização cidadã, atuando junto com a comunidade para apoiar projetos organizacionais para gerar melhoria das condições de vida e renda. Os princípios e a base da Economia Solidária são: a cooperação, autogestão, e a solidariedade.

Desde então, o projeto vem fazendo parte da minha história na graduação. A educação é essencial para o avanço na economia solidária, e começa a quebrar paradigmas, que só os papéis de educar e de educando sejam desempenhadas sempre pelas mesmas pessoas. Portanto, o projeto se constitui em alunos de vários cursos de graduação e monitores pedagogos que dão a porta voz na comunidade, inserindo e debatendo projetos que a comunidade se propõe de acordo com sua realidade.

O projeto por mim escolhido foi na região Sol Nascente – Ceilândia. Que se tornou a maior favela da América Latina. Ali pude ver uma realidade totalmente diferente da minha e das dos demais colegas. Nesse projeto Economia Solidária não basta só à conscientização e organização popular. É preciso associar a consciência crítica e organizativa ao produtivo ao trabalho e renda.

Por fim, estou no 8º semestre, com lágrimas nos olhos, mas com aquela sensação de dever cumprido. Meu envolvimento com a educação não termina aqui. O projeto final que visa olhar a Economia Solidária e a Educação Popular no Sol Nascente como práxis pedagógicas. Meus estudos acerca do assunto não se encerram aqui e levo para minha formação acadêmica e pessoal o exímio educador Paulo Freire, a quem pedagogos (as) e Educação devem seus agradecimentos.

PARTE II - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como base, os princípios da Educação popular, que se caracteriza como um processo transformador, que constrói a autonomia dos indivíduos, valorizando e respeitando sua cultura e ideais, onde está entrelaçada nos fundamentos da Economia Solidária, que favorece a emancipação e valorização das relações sociais.

A educação popular e economia solidária tem um processo dialógico que confrontam o futuro com o presente, pois estabelecem relações de trabalho não capitalista em empreendimentos coletivos, que necessitam de sobreviver no mercado atual que denominamos capitalista. Isso exige novos conhecimentos, na prática desses empreendimentos, e com isso os projetos solidários seguem lutando na sua consolidação.

Com isso a experiência vivida neste projeto foi de grande valia, na comunidade Sol Nascente – Ceilândia, constituída por alunos da UnB de diferentes cursos, representantes da comunidade e sujeitos voluntários. Aos estudantes da Unb, foram propostos atividades e relatórios para que fosse colocada em prática a teoria.

É no pensamento solidário e valorização do saber do outro que acontece a verdadeira prática pedagógica, que descrevo no referencial teórico que a Educação Popular é uma reflexão em torno da relevância da Economia Solidária na sociedade brasileira e na construção social de formação de uma sociedade mais humana.

O objetivo das atividades propostas no projeto foi trabalhar os princípios básicos da Economia Solidária, trabalhar a sensibilização da realidade com os atuantes do projeto, e libertar o ser humano da sua opressão, refletir e debater a realidade em que vivemos, e discutir uma reflexão crítica em relação à sociedade.

Com o intuito de analisar a relação da Educação Popular com a Economia Solidária na comunidade Sol Nascente, foi realizada uma pesquisa a partir do método pesquisa-ação, que seu objetivo é identificar os acontecimentos e sujeitos que ocorre em um determinado tempo e lugar, onde refletem possíveis soluções das ações realizadas.

Com o projeto, em que é explicitamente a economia solidária é o objeto fundamental de processo educativo pautado pela educação popular. As noções de práticas dialógicas assumem um papel decisivo, onde nessa dialogia encontramos na interação, cooperação, solidariedade dos atores envolvidos.

O trabalho a seguir mostra explorar essas duas concepções: educação popular e economia solidária, no ambiente desse projeto que foi realizado, tentando desvendar os fios que ligam uma prática em outra. O trabalho não conseguiu contemplar todos os seus valores e riqueza, mais trouxe a conscientização e o desejo da transformação social com a comunidade e para a comunidade, num processo rico em dialogias.

CAPÍTULO I - ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR

1.1 Abordagem Histórica da Educação Popular

A Educação Popular está ligada a uma concepção latino-americana, que é uma construção de uma ação educativa pensada nas classes populares.

A Educação Popular tem o intuito de reacender as esperanças das classes populares, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Quando falamos em Educação Popular, pensamos nas ações humanas, em uma disputa de poder. Essa disputa nos remete ao capitalismo neoliberalismo, que é uma forma cruel com a humanidade, causando dor e sofrimento.

E temos como referência Paulo Freire, que o seu debate mostra a conscientização da compreensão da realidade da nossa ação com o mundo. É uma práxis educativa, que está relacionada à realidade social. Ele foi o fundador da concepção da educação libertadora.

Em meados do século 40 a educação estava ligada à Educação de base. Que no final da Segunda Guerra Mundial houve grande inserção das massas na sociedade, pois o país estava vivendo uma transformação na economia, o modelo agrário-exportador é substituído por urbano-industrial. Com isso houve grandes mobilizações para o movimento da educação de massas.

Quando falamos em massas, estamos nos referindo ao homem do campo, pois só conhecia uma realidade: a do campo. E na atual conjuntura era necessário que aprendesse noções de leitura, escrita, convivência social, pois precisavam do estudo para se inserir no mercado de trabalho.

“A Educação popular surge nos países da América Latina, principalmente em períodos de industrialização, com a função de alfabetizar em massa, sendo uma emergência social notificada por meio das campanhas, dos movimentos e bandeiras de lutas existentes no período.” (BRANDÃO, 2002, p.17).

No período da década de 50, a Educação Popular era entendida como Educação de Jovens e Adultos (EJA). Houve grandes debates, onde os educadores se mobilizaram para novas questões relacionadas a essa nova perspectiva. Na

teoria tiveram várias propostas para erradicar o analfabetismo no Brasil, pois era visto com maus olhos. Logo, a Educação Popular era uma educação que estava ligada ao povo. A respeito de Paulo Freire e da Educação Popular, Paiva destaca que:

“Paulo Freire, juntamente com outros educadores, sugeriu: a revisão dos transplantes que agiram sobre o nosso sistema educativo, a organização de cursos que correspondessem à realidade existencial dos alunos, o desenvolvimento de um trabalho educativo com o Homem e não para o Homem, a criação de um grupo de estudo e de ação dentro do espírito de autogoverno, o desenvolvimento de uma mentalidade nova no educador, que deveria passar a sentir-se participante do trabalho de soerguimento do país; e, finalmente, a renovação dos métodos e processos educativos com a rejeição daqueles exclusivamente auditivos, substituindo o discurso pela discussão e utilizando as modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais”. (PAIVA, 1987, p. 210)

Para Freire, a Educação não poderia ser vista somente como uma transmissora de conhecimento e reprodução das relações de poder que concentrava no capitalismo, mas, sim, como uma ação capaz de libertação e emancipação das pessoas.

Em meados dos anos de 1960, os movimentos voltaram para a cultura popular, não de uma forma superficial folclórica, mas sobre os usos políticos de dominação e alienação das classes populares.

Começaram a surgir movimentos voltados para a cultura popular, onde Freire participou. Diretamente com outras pessoas, fundou o Movimento de Cultura de Recife (MCP), onde pretendiam aprimorar o potencial das pessoas, e na prática, entendia que todo ser humano produz cultura na sua relação com o outro. Com isso surgiram o Movimento de Educação de base (MEB), criado pela conferência nacional de Bispos do Brasil com o apoio da presidência, fortalecendo o papel da Igreja Católica; o Centro Popular de Cultura (CPC), criado pela UNE em 1961, utilizando a música, o teatro, e o cinema popular como espaço de formação política.

“Diversos grupos lançam-se ao campo da atuação educativa com objetivos políticos claros e mesmo convergentes, embora cada um deles enfocasse o problema à sua maneira e mesmo lutassem entre si. Pretendiam todos a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas do país, sua recomposição fora dos supostos da ordem vigente; buscavam criar a oportunidade de construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Além disso, fortemente

influídos pelo nacionalismo, pretendiam o rompimento dos laços de dependência do país com o exterior e a valorização da cultura autenticamente nacional, a cultura do povo”. (PAIVA, 1987, p. 230)

Com a ditadura militar em 64, a participação popular ficou restrita apenas em votos. Com isso o Estado apoiou a Educação de Jovens e Adultos (EJA), baseado no método Freiriano, no intuito de alfabetizar a população para se tornarem eleitores.

Durante a Ditadura, foram criadas campanhas sobre a educação, como Cruzada ABC (Ação básica cristã) e MOBREAL (Movimento Brasileiro de Educação). MOBREAL restringia as concepções políticos-filosóficas de Paulo Freire. Que substituiu o Plano Nacional de Educação de Adultos.

Com fortes repressões, agressões, torturas e mortes. Os movimentos populares resistentes agiram nas ações militares, em diferentes organizações clandestinas e guerrilhas armadas. Com isso foram surgindo no final dos anos 70, movimentos sociais no Brasil. Que manifestavam de jeitos diferentes e causas diversas em oposição ao regime.

Os movimentos populares ganharam espaço de reivindicação e se espalharam pelo Brasil.

Os anos 80 foram de negociações numa fase em transição, a chamada Redemocratização.

Segundo Caldart (2004), é o momento onde “novos sujeitos sociais coletivos se constituíram”, representando a emergência de uma nova configuração das classes populares no cenário público ou anunciando o aparecimento de um novo tipo de expressão dos trabalhadores (GADOTTI, 1980 apud OLIVEIRA,2001, p.29).

Segundo Costa (2007), podemos inferir que se constitui num momento em que as denominações: educação de base, educação de adultos, educação popular e vários outros nomes forjados, de acordo com a conjuntura social e política vivida, se configurará a partir de uma “única” denominação que passou a ser a mais usada, qual seja “educação popular”.

Com o fim do militarismo aconteceu o re-despertar dos movimentos sociais quando houve disputa entre a reestruturação social e educacional, tanto na visão econômica quanto na dos trabalhadores.

Sob a perspectiva do avanço das forças populares no terreno da política, esse foi um período riquíssimo, não perdido, já que nele uma infinidade de organizações e instrumentos de luta social surgiram e consolidaram-se, colocando os trabalhadores do campo e da cidade em melhores condições de disputa de poder na sociedade, fortalecendo-os para que fizessem valer seus interesses frente aos da elite política econômica.

“É o momento onde a educação popular aproveita “todas as oportunidades para criar atitudes e comportamentos capazes de conduzir a níveis superiores de atuação política, a organização do povo, [provocando] seu sentido crítico, autônomo, criativo” (BARREIRO, 1997 apud OLIVEIRA, 2009. p.29)

Os princípios da educação popular estão associados à mudança da realidade opressora, o reconhecimento, a valorização e a emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. Apesar disso, além da conscientização, a prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização de educação popular e são elementos básicos para a transformação. Dessa maneira Freire infere que:

Pouco e pouco, porém a tendência é assumir formas de ação rebelde no que fazer libertador, não se pode perder de vista esta maneira de ser dos oprimidos nem esquecer este momento de despertar. (FREIRE, 1970, p.29).

A partir da década de 90, a Educação Popular vai tomando outro rumo, com redefinições na educação.

Segundo GOHN (2002, p.53) a década de 90 foi um momento de revisão paradigmática, com redefinições dos objetivos da Educação Popular antes centrado na política e na estrutura da sociedade e que agora se voltara para os indivíduos, para sua cultura representações.

Com isso as pessoas devem repensar e questionar seus conhecimentos e experiências obtidos. É um novo processo que cabe interpretar tudo diferente no que diz respeito à educação. Esse novo contexto cabe também de preparar o homem para ser, conhecer, conviver e fazer.

A Educação Popular está voltada agora para a necessidade do indivíduo, e não mais para a política.

Como a Educação Popular estava em mudanças, nasceu então a Economia Solidária nos 80, em meio a uma crise econômica e social que levou o aumento do desemprego. Com isso os trabalhadores são obrigados a ocupar cargos para garantir sua sobrevivência, deixando de lado seus direitos.

Diante disso, a crise abriu novos espaços e meios de organização do trabalho, por necessidade de os trabalhadores gerarem renda.

Foi quando educadores latino-americanos formularam o primeiro programa de economia popular de solidariedade. Paulo Freire enfatiza que:

“[...] representa algo de novo e esperançoso para o futuro da educação popular da América Latina e para uma nova ordem mundial” (FREIRE, p.20)

Com a Economia Solidária surgiu uma nova visão de economia, que se caracteriza por um projeto de sociedade. Onde surgem novos valores na presença da educação popular com o perfil de participativo, alternativo, etc.

Sua ligação com a Educação Popular se deve ao fato de novos valores inseridos nesse contexto das atividades econômicas. Pois a Economia Solidária é formada por autogestão, portanto de autônomos. Isso nos leva a pensar que a Economia Solidária veio para quebrar o padrão. É um novo socialismo. Com isso, o capitalismo é eliminado nessa gestão, pois sendo solidária, os indivíduos se tornam autogestonários e possuem autonomia.

Sendo autogestonária os empreendimentos da economia solidária são totalmente coletivos. Os investimentos devem ser discutidos, e divididos democraticamente. Com tudo, esse exercício nada leva a política ou ordem econômica. Segundo Moacir Gadotti:

“Trata-se, na verdade, de uma desmercantilização do processo econômico, programa básico de construção de um novo socialismo hoje. Essa desmercantilização não significa uma desmonetarização ou o fim do mercado, mas sim ‘a eliminação do lucro como categoria’”. (GADOTTI, 2009, p.26)

Autogestão é um dos princípios da Economia Solidária, e conseqüentemente o cooperativismo é um dos pilares. Pois é uma das formas de combater o capitalismo.

É importante ressaltar que os trabalhadores tenham direito de entrar e sair a qualquer momento do empreendimento, com tudo levando sua colaboração do capital, dividido por todos. Com isso nos remete que, a autogestão só funciona se os trabalhadores trabalharem por vontade própria, sem ordens. Pois se existisse dono, os trabalhadores deixariam de ser autônomos e não seriam donos do seu próprio destino.

“A Economia Solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados a disposição.” (GADOTTI, 2009, p.13).

Experimentar a Economia Solidária é um processo educativo de dialogicidade, que abre uma janela para a possibilidade de sua construção como sujeitos históricos e permite aos grupos coletivos se instituírem como proprietários do seu próprio trabalho. E assim vemos que a Educação Popular é uma intervenção social como práxis na produção coletiva de valores sociais.

1.2 Educação Popular uma Pedagogia da transformação social

Educação Popular é uma metodologia pedagógica voltada a direitos sociais, culturais e políticos. Provavelmente Educação Popular está vinculada com o nome de Paulo Freire. Uma prática pedagógica problematizadora e geradora de possibilidades. Paiva afirma que:

“Nos ideais de Paulo Freire, os princípios da educação popular estão relacionados à mudança da realidade opressora, o reconhecimento, a valorização e a emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. Contudo, além da conscientização, a prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização da educação popular e são elementos básicos para a transformação. Nesse sentido, a sociedade civil organizada foi identificada como instância de promoção e sistematização da educação popular”. (PAIVA, 1986, p. 179).

A Educação Popular ajuda a demonstrar a realidade de grupos e comunidades. É uma ferramenta que ajuda pela justiça e liberdade e incentiva mudanças sociais.

Através da problematização, vai conversar com as pessoas no sentido de compreender a sociedade onde elas vivem, para que as pessoas se conheçam como sujeito da história e se engajem numa luta concreta dos seus direitos.

Educação Popular é baseada na percepção da realidade, dirigida pelos moradores da periferia, famílias de baixa renda, educação indígenas, e de toda forma de organização comunitária. Paulo Freire destaca que:

“A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na inversão da práxis’, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca”. (FREIRE, 1987, p. 37).

É um método libertador a Educação Popular, baseado nos estudos de Paulo Freire. Para ele a conscientização é uma das principais tarefas da educação libertadora, isso porque ele respeita ao máximo o ser humano como pessoa.

A Educação popular, nessa ótica, visa transformar o sujeito em agente político. Político no sentido de ser participante ativo na transformação do mundo e da sua história, construir seres autônomos e capazes na responsabilidade singular de uma organização coletiva em prol de um projeto de sociedade, que tenha como eixo central o ser humano.

A Pedagogia Libertadora tem o papel fundamental de libertar o homem, fundamentalmente da sua opressão. Não é possível, portanto, falar de educação popular que não se reflète não se inove e não se promova à superação em sua própria prática. É um ato criativo e rigoroso no uso de mecanismos e metodologias na formação de subjetividades individuais e coletivas na qual anseia a integração de diferentes práxis.

“Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta”. (FREIRE, 1982, p.109).

A educação é uma ferramenta da igualdade social. Paulo Freire pensa na educação para libertar o homem e tornar o homem autônomo, ou seja, consciente de si para o mundo.

A Educação Popular já se passou por várias fases desde a busca da conscientização nos anos 50, a defesa da educação pública de qualidade nos anos 70/80. E na atualidade desenvolve participação nas políticas públicas, a organização comunitária e os bem-estar social.

Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (1996), afirma que: “A qualidade de ser política é inerente a sua natureza. É impossível a neutralidade na educação (...). A educação não vira política por causa deste ou daquele educador. Ela é política”. Sendo assim, Educação popular é vista como fonte de produção do conhecimento altamente carregada de intencionalidade. Pela primeira vez se estabelece um vínculo entre educação e política, e educação e luta de classes. A educação deixa de ser vinculada somente à transmissão de saberes e passa a ser ato político (FREIRE, 2003). Constitui um projeto educativo que resgata a concepção mais universal de educação, isto é, a educação como formação humana, qual seja, formação do sujeito em suas múltiplas potencialidades na busca de um sujeito integral.

Isto nos leva a considerar a Educação popular mais que uma proposta de educação, sendo, sobretudo, uma proposta política da classe trabalhadora, cujo objetivo não se esgota em si mesmo. Sua finalidade torna-se decisiva como instrumento de transformação da consciência para uma luta contra hegemônica. Nesse sentido, a Educação popular deve ser realizada de diferentes esferas, por meio de atividades formais ou não formais, sendo, um produto de práticas sociais. Não se trata, portanto, de uma escolha pedagógica, nem de uma proposta datada e situada num tempo. Ao contrário, através da superação dialética do conhecimento, vão se criando e se recriando novas formas e novas práxis de Educação popular.

É na prática dialética de escutar, refletir, engaja-se que se encontra sua necessária dimensão pedagógica-política tão atual e necessária, tantos nos espaços formais quanto nos não formais que pretendam uma emancipação de indivíduos e grupos. Autonomia e liberdade vão ser as bases para a teoria de Paulo Freire.

1.3 Economia Solidária como Prática Dialógica

Cooperação, solidariedade e democracia é a cara de uma nova economia, mais humana. Retrata-se da Economia Solidária.

A economia solidaria nada tem a ver com rentabilidade ou lucros do sistema capitalista, portanto o centro da preocupação dessa economia é a vida, o bem-estar, é onde produz um tipo de produto sem valor no mercado.

Essa é uma economia sem patrões e empregados, cada vez mais crescendo no Brasil, com força na união, gera trabalho, renda e cultura.

“A economia solidária, mais que um modo de produção, é um modo de vida. O espírito da economia solidária é cooperar, viver melhor juntos. Ela nos obriga a ver pessoas sob outro olhar. Todos pensamos juntos. Todos decidem juntos. Os ganhos não são só materiais. São também não materiais. É empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária. Empoderar não é ‘ter mais’ poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia ‘ser mais’”. (FREIRE, 1970, p.48)

São exemplos de associações e cooperativas populares formadas pela reunião de pequenos produtores urbanos (costureiras, biscoiteiras, artesãos, catadores de lixo, etc.) ou rurais (pescadores, assentados da reforma agraria, coletores de frutos silvestres etc.); empresas falidas, apropriadas e recuperadas pela autogestão de seus trabalhadores, associações e cooperativas formadas por pessoas em situação ou em risco de exclusão (presidiários, portadores de deficiência física ou de sofrimento psíquico etc.); iniciativas destinadas à comercialização e distribuição desses produtos (os clubes de troca, a exportação via *comercio justo*, as feiras de economia solidaria etc.); as cooperativas de credito

solidário de pequenos produtores rurais e urbanos (RAZETO: 1197; SINGER: 2000; CRUZ: 2006).

Com a CUT – Central Única dos Trabalhadores, e o MST – Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, já tinham uma definição da educação popular como princípio pedagógico indissociável. A economia solidaria se incorporou nesses movimentos para gerar auto-emprego para iniciativas coletivas.

Tanto para Luiz Razeto, Paul Singer e Paulo Freire, a economia solidaria está ligada a novos valores. Para Gadotti isso evidencia que o papel da educação popular tem seu principal foco o caráter participativo, contestatório, alternativo e alterativo. Que conclui que a economia solidaria é uma práxis pedagógica.

E esses autores chamam a atenção ao que diz respeito que essas empresas solidarias não irão sobreviver sem uma mudança na cultura, política e econômica, que de fato, na sociedade onde vivemos não sobressaem a caráter da solidariedade, democracia e no mercado. Mais com isso também ficamos sabidos que sem esse desastre, a economia solidaria não teria seu lugar. E ela é importante nesse processo de transformação.

Diante dessa transformação, todos os trabalhadores precisam de uma formação, na qual envolve uma mudança de cultura. Essa formação está ligada a valores e princípios que norteiam o indivíduo para o que é ou não é sustentável. Educam-se os trabalhadores para uma nova sociedade, que tenha vários valores dialógicos. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” dizia Paulo Freire (1996, p.49).

A economia solidaria são práticas que envolvem colaboração solidária, que inspiram por valores culturais, onde o ser humano é visto como sujeito e tem por finalidade ver atividade econômica sendo fonte de reciprocidade, em vez de lucro privado.

De acordo com a Carta de princípios da Economia Solidária, seus princípios são:

1. A valorização social do trabalho humano;
2. A satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica;

3. O reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade;
4. A busca de uma relação de intercambio respeitosa com a natureza, e
5. Os valores da cooperação e solidariedade.

Com isso, a mudança do trabalho assalariado ao trabalho associativo é um processo educativo, um processo de transição de valores das relações simbólicas dos trabalhadores, e também da vida social destes, como o Estado, mercado, o meio ambiente, fora as classes sociais.

Esse processo educativo é uma dialogicidade que permite a todos construírem-se como donos e proprietários do seu trabalho.

As práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultura que só a formação pode estabelecer (GADOTTI, 2009). Assim, a economia solidária está fortemente ligada à necessidade de uma formação cultural que só é possível a partir de uma mudança de valores e princípios relacionados à sustentabilidade. Não está ligada somente ao fator econômico, mas também a valores culturais e práticas solidárias.

A educação popular e a economia solidária, são práticas dialógicas que estão atravessadas pelos valores éticos e políticos, e também pela sua cumplicidade em relação aos seus objetivos. “Economia solidaria necessita construir conhecimento para viabiliza-se como alternativa econômica dos setores populares, a educação popular precisa apontar para ações concretas que permitam aos setores populares experimentarem práticas autônomas de inserção. ”

Para Gadotti, “a ligação umbilical da educação popular com a economia solidaria se deve ao fato de que esta se apoia em novos valores que, aplicados a atividades econômicas, exigem invenção de novas práticas, que cabe à educação popular difundir entre aqueles que a peculiar dinâmica do capitalismo exclui do espaço econômico que ele domina. ” (p.10)

Educação popular e economia solidaria é uma construção de um mundo novo, que re-humanize os seres humanos, fazendo redescobrir sua capacidade de construção como sujeito da sua consciência e do mundo em que vive.

São parte de um processo de dialogias que sempre vão caminhar juntas, trazendo as pessoas e ao mundo possibilidades de uma sociedade mais justa. É um caminho difícil, pois essa economia está inserida dentro do capitalismo, mais não impossível. Tudo na vida é difícil, a felicidade não se encontra se não na luta, se já temos outra educação e já temos uma nova economia implantada, e é através disso que queremos andar e caminhar fazendo a solidariedade, capaz de melhorar o sentido da vida. Uma nova economia é possível, um novo mundo é possível.

Desse modo a Economia Solidária e Educação Popular, são duas linhas que se cruzam para uma organização coletiva em conjunto com um projeto comunitário ou de sociedade, que tenham como base o ser humano. E é isso que o Projeto a que venho falar a seguir vai refletir. Promover a teoria em sua superação à prática.

CAPÍTULO 2 - RELATO DE EXPERIENCIA NO SOL NASCENTE

Para compreendermos os objetivos dessa pesquisa-ação é importante e necessário entender as diferentes dimensões que essa comunidade foi construída e como ela vive. O projeto Educação Popular e Economia Solidaria nos deu oportunidades, que levaram ao conhecimento e desenvolvimento de capacidades, e melhoria das condições de vida dos participantes e da comunidade em si. O capítulo se inicia com o histórico da comunidade Sol Nascente, e no decorrer faço a intervenção pedagógica, e os resultados alcançados.

2.1 Breve Histórico da comunidade do Sol Nascente

Sol Nascente se caracteriza por favela federal, por se encontrar na capital do país, Brasília. Encontra-se a 35 quilômetros de distância de Brasília. Atualmente ela é considerada a maior favela da América Latina.

A comunidade é uma invasão de terras, exercido por grileiros, que tem por volta de dez anos de existência. Antes era um conjunto de chácaras de Ceilândia. Por ser uma invasão, grande parte de sua moradia é ilegal.

São 60 mil habitantes, de acordo com o Censo do IBGE. Portanto é considerada a maior favela do Brasil, na frente apenas da Rocinha, no Rio de Janeiro.

O Sol Nascente é considerado uma favela, não pela renda das pessoas que vivem ali, mas sim da catástrofe que ali existe. Infraestrutura e saneamento básico, saúde e educação são extremamente precários. A demanda da comunidade é muito grande e não comporta devidamente os moradores. Sem contar que a quantidade de lixo espalhados na rua é assustador, e o esgoto escorre pelas ruas.

A comunidade Sol Nascente é extensa na questão de território. Sua população supera a das outras cidades satélites. Sua maior dificuldade é em relação à infraestrutura, pois o governo não chegou lá ainda.

De acordo com a Pesquisa Distrital por Amostra em Domicílios (Pdad), junto com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), mostram que

Apenas 6,1% das residências são ligadas à rede de esgoto. Os caminhões de lixo não atendem 54,15% dos domicílios, e 94% das ruas não são pavimentadas.

Além da falta de saneamento, a comunidade enfrenta assassinatos e roubos. De acordo com a Secretaria de Segurança do Distrito Federal 2013, a área registrou 23% dos assassinatos e 20% dos roubos do DF, proporções superiores à participação de sua população (15% dos 2,7 milhões de brasilienses).

A comunidade Sol Nascente está localizada na capital do país, ficamos assustados por tanto descaso. O governo do Distrito Federal está entre os seis piores governos, a falta de saneamento assusta a população. Apesar de o governo prometer melhorias a população está descrente com tal ato.

Com isso, a comunidade tenta sobreviver por diversas maneiras e uma delas é a oportunidade de entrar em algum projeto social. Considerando essas características, o projeto educação popular e economia solidaria entrou em ação nessa comunidade para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de distribuição de renda e cidadania.

2.2 Intervenção Pedagógica

O projeto Educação Popular e Economia Solidária tem como objetivo promover ensino, pesquisa e extensão. Onde o curso de pedagogia contempla na formação de educadores e pedagogos se desenvolverem em diferentes áreas.

O projeto de Educação Popular e Economia Solidaria, foi desenvolvido em quatro semestres na comunidade Sol Nascente, na região administrativa de Ceilândia – DF. Os encontros foram realizados aos sábados de oito da manhã a meio-dia na própria comunidade.

Como a prática e a teoria andam lado a lado. Alguns encontros foram realizados na Faculdade de Educação com os estudantes, para analisar, questionar e definir o que seria proposto à comunidade, com base nos quatro pilares da Economia Solidária (solidariedade, cooperação, autogestão e viabilidade econômica). Pois para entender o local onde iríamos plantar a semente do projeto, tínhamos que compreender os objetivos da pesquisa-ação que faz necessário entender a constituição da comunidade e como ela se encontra.

A realização desse projeto só foi possível pela prática educativa vivenciada pelos participantes envolvidos na comunidade Sol Nascente. Os envolvidos foram alunos de diferentes cursos como (contabilidade, pedagogia, letras entre outros) da Universidade de Brasília – UnB e não podendo esquecer-se das provedoras do empreendimento que foram em torno de 10 a 15 mulheres artesãs e costureiras entre idade média de 40 anos da comunidade Sol Nascente.

Para o projeto de Educação Popular e Economia Solidária, o método de pesquisa-ação é a observação participativa. É fundamental para a realização de uma pesquisa completa, pois através da participação nos tornamos também entes do grupo. Segundo Gil:

“[...]consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento”. (GIL, 2010, p. 103)

A pesquisa-ação é um método de investigação e intervenção social. A pesquisa é uma formação de um “coletivo de coletivos”.

“Ela é uma pesquisa na ação, isto é, uma pesquisa:
- Sobre os atores sociais, suas ações, transações, interações;
- Concebida para auxiliar com uma “prática racional” suas práticas espontâneas;
- Assumida por esses próprios atores (autodiagnóstico e autoprognoóstico) tanto em suas concepções como em sua execução. Visando a ser simultaneamente sobre, para e por ela não é:
- Uma pesquisa aplicada tributária de uma simples observação participante (do tipo pesquisa sobre) [...];
- Nem uma pesquisa a serviço de uma militância ideológica, de uma firma econômica ou de um poder administrativo [...].
Pesquisa também “autogerida”, seus contratempos têm a ver com as incertezas de sua co-gestão [...]”. (DESROCHE: 2006, p. 38).

O projeto Educação popular e Economia solidaria possibilita que a pesquisa-ação intervenha dentro da problemática social. Analisando o objetivo de mobilizar os participantes, assim construindo novos saberes. Tornando-nos capazes de refletir sobre nossas ações.

Os instrumentos usados na pesquisa do projeto foram os diários de campo, relatórios mensais e relatório final realizado por grupos específicos de cada gt.

Esses instrumentos têm como finalidade nos ajudar nos registros das experiências obtidas na comunidade. Para que no final o conhecimento e as experiências sejam refletidos a partir dos teóricos estudados no projeto.

Ao estudar com pesquisa-ação estamos tratando o pesquisador de autogerir sua própria experiência de produção do conhecimento, para em seguida fazer-se sujeito de uma ação social ensejada justamente pela apropriação deste conhecimento produzido.

2.3 Experiência do Projeto Economia Solidária no Sol Nascente

O processo de intervenção pedagógica é realizado na comunidade Sol Nascente, localizada na região administrativa de Ceilândia, como relatado. Trata-se de uma comunidade muito carente, que espera pela regularização como fonte de saída para a urbanização.

A participação desse projeto Educação Popular e Economia Solidária, liderado pela professora e doutora Sônia Marise Salles, teve início em 2012, quando o projeto foi sendo implementado na comunidade Sol Nascente.

Antes de relatar as experiências e fatos ocorridos no Sol Nascente, é de importância explicar como o projeto chegou à comunidade.

Marcilio, morador da comunidade, artesão e funcionário terceirizado da UnB. Em meio às dificuldades encontradas na vida e no financeiro, reuniu certo grupo de mulheres para ensiná-las a confeccionar bolsas, para gerar renda, já que muito dessas mulheres não tinham nenhuma fonte de sustento, pois não tinham também como procurar emprego por diversos fatores como: filhos pequenos, qualificação profissional, entre outros. Com isso só “poderiam” conseguir emprego de forma informal.

Com muita perseverança Marcilio conseguiu comprar uma máquina de costura e materiais para ser confeccionados com seu salário e ajuda voluntária. Daí, reuniu esse grupo de mulheres na sua casa, mais com o passar do tempo o espaço foi ficando pequeno, pois a quantidade de mulheres havia aumentado.

Com sua garra de ajudar as mulheres, Marcilio pediu ajuda a professora Sonia, pois percebeu que precisava de ajuda e parcerias para continuar seu empreendimento. Frente a essa realidade, a Economia Solidaria entra como alternativa de mudança para esse grupo de mulheres. Onde o seu eixo central é uma proposta para gerar trabalho e renda.

Diante desse contexto, a Economia Solidaria é uma possível ferramenta para combater as desigualdades sociais e trabalho, como diz Singer:

“A construção da Economia Solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a Economia Solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente”. (SINGER, 2000, p. 138).

O projeto então é realizado na escola 66 da Ceilândia. O espaço foi cedido pela direção da escola, juntamente com o atuante da comunidade Marcilio, com a ajuda da professora Sônia Marise e estudantes da universidade. O projeto funciona como meio de formação de politização e oficina de costura para as mulheres, e oficina para os filhos dessas mulheres. Denominamos como GT (grupo de trabalho).

No processo de conhecimento com a comunidade, e como o projeto no Sol Nascente estava no início, contamos com as ajudas de uma aluna que morava na região, e com o Marcilio, esses ficaram sendo representantes do grupo de mulheres, por já conhecerem o grupo. Como estava sendo novidade o projeto na comunidade, houve muitos conflitos de conhecimento, pois todos os envolvidos queriam mudança imediata.

Viver em grupo é difícil, pois cada um tem sua peculiaridade, mas não é impossível, porque através da solidariedade onde um ajuda com o outro, que vem a bondade de estar junto de querer ver o outro bem. Uma sociedade que não é solidaria não caminha para ação, não está disposta a gerar bens. O grupo de trabalho no início enquanto não nos conhecíamos foi difícil o diálogo, mas depois com a paciência, bondade e vontade de querer fazer algo para mudar aquela situação geramos sentimento de ação com a comunidade.

Para Gadotti “o desenvolvimento humano é resultado de um trabalho comum, na evolução da teia da vida. Essa oportunidade de se desenvolver, o ser humano a encontra na educação e na cultura. (...). Uma educação para a cooperação, uma educação para a solidariedade, não é apenas uma opção ética. É uma condição humana necessária para o desenvolvimento pessoal e social. Respeitar os talentos de cada um, de cada uma, valoriza-los e promove-los, é um dever educacional e uma responsabilidade social e política de todos e todas. ” (p.45)

Conhecemos a origem do grupo e suas histórias, daí o projeto começou a ser traçado dentro dos pilares da Economia Solidaria. A solidariedade, cooperação, viabilidade e autogestão, aparecem quando trocamos conhecimentos com os grupos, onde todos têm responsabilidade e deveres e direitos, todos participam e colocam sua opinião, e valorizam as opiniões sugeridas e também desenvolvemos o desenvolvimento local sustentável.

Nos primeiros encontros na comunidade, percebemos que algumas mulheres não estavam comparecendo aos encontros, pois havia uma dificuldade entre elas de constituir liderança individual. Portanto um dos pilares da economia solidaria, a autogestão, não foi observada, fazendo com que autogestão fosse um dos princípios primordial a ser discutido no grupo.

Figura 1 - Primeiro encontro com a comunidade na escola 66 Ceilândia, em 2013.



Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.

Com os conflitos e evasão aparecendo, houve uma discussão entre o grupo de estudantes da Universidade de Brasília junto com a professora Sônia Marise, para que houvesse melhora para o grupo. Tais questões foram: trabalhar a formação política junto com o trabalho; pensar em soluções para a evasão dos participantes do projeto; construir um fórum de entidades; e certificação dos cursos oferecidos para as mulheres.

Em um novo semestre 2013, a autogestão foi o foco do projeto na comunidade Sol Nascente. O número de estudantes aumentou passando para 50 alunos, portanto a politização para as mulheres era imprescindível, e divisão do grupo em subgrupos, denominado GTs (Grupo de trabalho), que através deles eram realizadas atividades específicas, para não sobrecarregar os participantes. No primeiro instante formaram-se três grupos: costura, reciclagem e crianças.

Figura 2 - Atividade dirigida para as crianças.



Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.

O grupo das crianças foi criado a partir da realidade das mulheres da comunidade, onde havia uma necessidade de participar do projeto e deixar as crianças com alguém. Diante disso, algumas pedagogas tinham a intenção de realizar um trabalho pedagógico, voltado para a Educação Popular com a Economia Solidaria. Passei a ser coordenadora desse GT, pois encontrei o meu lugar nessa perspectiva educativa.

No que diz respeito aos valores da Economia Solidaria, cooperação, solidariedade, autogestão e viabilidade econômica, os grupos de costura e reciclagem, apesar de produzir atividades diferentes se mobilizaram em conjunto para conscientizar os indivíduos na interação do trabalho realizado com cursos práticos de corte e costura oferecido às mulheres da comunidade Sol Nascente pelo SEBRAE.

O GT Costura estava trabalhando com fervor na confecção das bolsas e a formação de um mostruário das bolsas produzidas, dentre outras atividades. Ficamos muito satisfeitos com isso, pois, essas mulheres encontram o seu meio na sociedade com o princípio da Economia Solidária, e a autogestão, estava sendo colocado em prática.

Nesse aspecto o projeto foi criando forma e trazendo um dos pilares da economia solidaria, a cooperação e autogestão, que se intensificou quando os indivíduos se perceberam como autogestonarios.

A minha inserção nesse momento estava no grupo das crianças, onde se realizou um trabalho didático-pedagógico, baseado na realidade daquelas crianças. Como temas relacionados a drogas, violência sexual e doméstica, tendo como referência os valores da Economia Solidária, principalmente solidariedade e dádiva.

Figura 3 - Atividade realizada para conhecer os atuantes do grupo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Ano: 2013. Sol Nascente – Ceilândia.

O planejamento dessas atividades era elaborado pelas estudantes de Pedagogia da Universidade de Brasília, tendo essas atividades propostas pelas próprias crianças. Durante a realização das propostas implantadas, víamos que as crianças tinham interesse em participar de tudo que era feito.

No decorrer do semestre vimos que poderíamos implementar novos conceitos dentro do GT criança, para conscientizar elas da cidadania. Com isso criamos o “Projeto Cidadania”, referentes a formação do cidadão e valores sociais.

Para que isso desse certo, contamos com a ajuda do GT costura, para que as mães, denominada aqui como mulheres do GT, fizessem compromisso e entusiasmo de trazer as crianças ao projeto, para que o trabalho tomasse forma.

Foram diversas atividades propostas com o “Projeto Cidadania”, foi um trabalho totalmente pedagógico, e que um trabalho feito em comunidade é alternativo. Durante o semestre aconteceram imprevistos que nem todas as atividades propostas foram realizadas, por vários fatores, tanto comunidade como as crianças, que de certa forma a questão da cooperação, solidariedade e autogestão eram esquecidas às vezes.

O envolvimento dos indivíduos nas atividades foi orientado em despertar o interesse pela busca do conhecimento no coletivo, construindo o movimento circular com tendências a reestruturar o sistema educativo atual e desenvolver novas possibilidades para além do sistema educativo, transformando sujeitos em agentes de sua própria educação e, para que isso aconteça, é importante reverter o aprendizado em benefícios para o aprendiz, por meio do crescimento comunitário. Acerca deste raciocínio Gadotti aponta que:

“Esse é o “cenário” da cidade que educa no qual as práticas escolares possibilitem qualificar o entendimento freiriano tanto da leitura da palavra escrita como da leitura do mundo. A cidade que educa não fica no imediato, mais aponta para uma compreensão mais analítica e reflexiva tanto dos problemas do cotidiano quanto dos desafios do mundo contemporâneo”. (GADOTTI, 2004, p.53).

O semestre começou bem, mas aconteceram alguns desentendimentos que afetaram na saída de alguns membros do projeto, conflito entre coordenadores e organizadores e o trabalho realizado parecia desandar. Continuamos envolvidos com o projeto, e resolvemos continuar a visita à comunidade, mesmo na incerteza do que viria depois.

Novo semestre se inicia em 2014, com novas perspectivas, pois a escola 66 não estava mais sob o olhar do antigo diretor, e que em processo eleitoral elegeram uma nova diretora. A escola 66 de Ceilândia, não é um espaço só educacional, mais é um lugar de vivência de atividades da comunidade. Essas atividades aconteciam aos sábados, tantas ações de bem-estar como ações políticas. Logo, nosso projeto

não poderia ser mais realizado na escola 66 de Ceilândia. Pois a escola recusou em ceder o espaço para a realização das oficinas.

Partindo do pressuposto, um novo projeto se inicia, na perspectiva de continuar o projeto sob o olhar das mulheres. Com isso, os GTs reciclagem e criança, deixam existir.

Há uma necessidade de buscar espaço para realização do trabalho manual das mulheres, que não poderiam deixar de gerar renda. Marcilio tinha um projeto de construir um galpão em sua casa para que essas mulheres reproduzissem seus trabalhos. Enquanto esse projeto não concluísse, ele cedeu a sua casa para que o projeto continuasse.

Com a mobilização dos estudantes do projeto junto com a professora Sônia Marise, conseguimos um tablet e uma bicicleta como doação. Em seguida, tivemos a ideia de rifar o objeto, para conseguirmos fundos para a construção do galpão.

Como o projeto estava voltado apenas para o grupo de mulheres, e para a mobilização da construção do galpão para as costureiras, era necessário promover formação político-social a essas mulheres, para que elas se valorizassem tanto como pessoa quanto profissional.

Essas atividades da oficina foram escolhidas pelas próprias costureiras, que no questionamento delas, seria de grande valia ser discutido aqueles assuntos. Dentre eles foram: Direitos da Mulher, Direitos da Criança e do Adolescente (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), Saúde da Mulher, Direitos Trabalhistas e Oficina de autogestão (Autogestão em cooperativas de Economia Solidária).

“A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a uma cooperativa ou empreendimento solidário para agir solidariamente. Esse tipo de ação é frequente no campo político e no campo das lutas de classe, sobretudo do lado dos subalternos e desprivilegiados”. (SINGER, 2005, p.19)

A nossa intervenção diante dessas atividades/grupos no projeto é baseada na Educação Popular de Paulo Freire e Economia Solidária, de tentar construir em uma sociedade ou apenas em um grupo, como o projeto, uma construção nova que re-humanize os seres humanos. Que sejam tenham capacidade de criar, ser consciente, e de se ver como um sujeito que constrói.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação popular e economia solidária fazem parte de uma longa caminhada e de tentativa de construir um mundo novo, onde os seres humanos sejam sujeitos conscientes da sua história.

Nesse contexto da economia solidaria, há uma perspectiva de tentar perceber como a educação se dá no âmbito desses grupos, de uma forma que transforme essas pessoas, que transformam a sociedade.

Paulo Freire colocava nessa vertente da educação como uma educação emancipadora, que pode mudar as pessoas, para que elas efetivamente mudem a sociedade.

Com as experiências vivenciadas nesse projeto, percebemos que é possível o desenvolvimento social e econômico da comunidade por meio da Educação Popular embasadas aos princípios da Economia Solidária. Nesta prática, desenvolvida por alunos da Universidade de Brasília, com as atividades realizadas na comunidade do Sol Nascente em Ceilândia, vivenciamos todo esse processo de organização, convívio pessoal, produção e geração de renda. Ao sermos solidários e através do nosso grupo de trabalho, intensificamos o fortalecimento da Economia Solidaria na comunidade Sol Nascente e colaboramos para o enfraquecimento do modelo capitalista.

Nessa perspectiva, Freire concebia a educação como processo transformador, onde o oprimido é realmente para quem se cabe lutar. Dessa forma, cada um é responsável por promover a transformação das classes, por uma sociedade mais igualitária, onde não existe esse processo produtivo que explora a maioria e favorece os poucos, onde podemos fazer um processo melhor e mais justo.

Vemos isso na comunidade Sol Nascente, onde se buscou mostrar a partir da realidade dos sujeitos e de onde estavam inseridos, apresentar situações de aprimoramento reflexivo para que esse grupo social, trabalhe e se transforme nos valores da economia solidaria a solidariedade e cooperação, para que essa relação de trabalho e educação seja a ponte da valorização do trabalho coletivo.

Depende de nós, sujeitos e educadores sociais, construir uma melhor realidade para todos, onde não esquecermos do nosso papel diante da sociedade, da formação desses sujeitos mais humanos e solidários. Que possamos estar dispostos a ajudar a trazer ao mundo a possibilidade de uma sociedade nova.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Fechando este trabalho, com muita satisfação de dever cumprido. E deparo que não foi fácil chegar até aqui, foram muitas horas de estudos, isolamento nas redes sociais, abnegação de muitas coisas, mas, com muito esforço termino a graduação, e vejo o quanto significou a oportunidade de aprofundar estudos sobre questões fundamentais sobre a educação. Principalmente educação popular que abriu os meus olhos no contexto do ser humano.

O que aprendi foi de muito valia, lançando um olhar critico para minha própria prática, identificando os limites e as possibilidades de transformação da mesma.

Viver a educação em si é uma eterna construção. E sem duvida nenhuma carrego o peso da responsabilidade de exercer a profissão de educador.

Desejo prosseguir na área da Educação, que foi nesse aspecto onde tive oportunidade de acompanhar o meu processo de produção e descoberta do conhecimento, no projeto Economia Solidaria. Diante desse conhecimento, posso enriquecer as atividades a partir da busca constante de conceitos e novas formulações.

Muitas são as minhas pretensões profissionais. Ser voluntária de uma ONG na África, construir uma instituição de ensino que atenda crianças em vulnerabilidade social, ser professora do campo, ou ser professora da Secretária de Educação do Distrito Federal. Muitos são minhas expectativas, e desejo só construir seres autônomos.

Portanto, pretendo continuar a jornada com muito esforço e na vontade de construir mais saberes, ampliar mais conhecimentos juntamente com meus alunos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos. A educação popular na escola cidadã. 2002.
- CALDART, Roseli. Pedagogia do movimento sem terra. 20014.
- COSTA, Eliezer. Gestão Estratégica. 2007.
- DESROCHE, H.. Pesquisa-ação dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In: THIOLENT, M. (Org.). Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche. São Carlos: EdUFSCar, 2006.
- FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: www.fbes.org.br Acessado em 18/06/2015.
- GOHN, Maria. Teoria dos movimentos sociais. 3º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 53p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. 29p
- FREIRE, Paulo. Educação Popular. Lins-SP: Todos Irmãos. 1982. 109p
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire – Pensamento e ação no magistério. Editora Cortez. 2004.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Poder. Editora Cortez, 1980
- GADOTTI, Moacir. Educação Integral no Brasil. Inovações em processo. Ed, L, Instituto Paulo Freire. 2009
- GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. 26p
- PAIVA, Vanilda. Educação popular e educação de adultos. 5º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1987. 210-230p.
- PAIVA, Vanilda. Perspectivas e dilemas da educação popular. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

SINGER, Paul. A Educação na Economia Solidária. 2005,

SINGER. Paul. Introdução a Economia Solidária. 1º edição. 2000

SINGER, Paul. Introdução a Economia Solidária. SP: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANEXO (S)

Diário de Bordo do dia 27/04/2013

No dia 27/04 nosso propósito foi fazer as inscrições das crianças e jovens para, assim, começarmos a trabalhar o “Projeto Cidadania”. Porém, no dia 27/04 estava havendo reposição de aula na Escola Classe 66 e, portanto, compareceram apenas quatro crianças. O grupo de trabalho se reuniu então com as quatro crianças que foram no dia, onde, inicialmente, fizemos uma dinâmica e depois um lanche.

Na reunião do grupo, procuramos saber como ficarão os próximos encontros, para isso, chamamos o coordenador do projeto no Sol Nascente, o Marcílio, para uma conversa sobre a presença das crianças e jovens no projeto. Na roda de conversa, Marcílio confirmou que a partir do próximo sábado as crianças e jovens vão estar presente no projeto, pois não vai haver mais reposição das aulas e toda a comunidade ia ser informada sobre o Projeto com as crianças e jovens da região.

Encerramos nossa reunião e fomos ao encontro dos outros GT's, para compartilhamento das ações que foram planejadas. Nesse encontro o GT Reciclagem relatou um trabalho com as crianças da escola, o qual precisará da ajuda das pedagogas e, nós do GT Crianças nos disponibilizamos a trabalhar junto com o GT Reciclagem.

Contudo, no próximo encontro dia 04/05, o grupo de trabalho espera contar com a presença das crianças e jovens para fazermos o que havíamos planejado para o encontro do dia 27/04, ou seja, fazer as inscrições das crianças e jovens, fazer uma roda de conversa para conhecer as crianças e, principalmente, começarmos a trabalhar o primeiro tema do “Projeto Cidadania” qual já foi definido como “Reciclagem”.

Diário de Bordo do dia 04/05

O propósito do GT para esse dia foi de começar a trabalhar o Projeto “Cidadania”, ou seja, colocar em prática o planejamento de trabalho do grupo. Porém, não foi possível, porque novamente não podemos contar com a presença das crianças e jovens da comunidade.

No entanto, fizemos uma dinâmica com as crianças que estavam presentes que eram cerca de vinte no total. Posteriormente, foi passada uma atividade para as crianças. Foram distribuídas canetas, lápis e folhas para elas desenharem de um lado da folha e do outro escreverem alguma frase sobre o desenho e, quem não conseguia escrever ou desenhar teve o acompanhamento das Pedagogas.

Após todos terminarem a atividade, foi proposto que as crianças apresentassem seu desenho e o explicasse. Todas as crianças fizeram a apresentação dos desenhos, os quais foram recolhidos depois.

O GT fez ainda um lanche coletivo com as crianças e, depois elas foram levadas para a quadra da Escola, aonde brincaram.

O GT achou necessário se reunir para tomar decisões sobre o próximo encontro. Anterior à reunião, o Marcílio, coordenador do projeto na comunidade Sol Nascente, havia sugerido que fizéssemos algo para comemorarmos o Dia das Mães, então, o GT decidiu para o próximo encontro, que no caso será dia 11/05, juntamente com os GT's Costura e da Reciclagem fazer um café da manhã para as mães. Com isso, foi decidido também que o GT iria preparar lembrancinhas para as crianças fazerem e entregarem as suas mães.

Diário de bordo do dia 25/05

No primeiro momento fizemos uma roda e separamos as crianças para uma dinâmica, onde cada grupo juntou o seu lixo em um canto. Depois pedimos para que separassem o lixo de acordo com sua utilidade. Explicamos que é importante a separação do lixo orgânico do lixo reciclável.

Já no segundo momento, perguntamos as crianças o que elas desejam fazer nos encontros de sábado. No geral elas querem se divertir de todas as formas, desenhar, brincar no parque, piquenique, ler, escrever, dançar, teatro, praticar esportes e etc.

No terceiro momento pensamos em fazer um diário de bordo com a produção das próprias crianças.

No quarto momento o GT Reciclagem foi extinto e se juntou com o GT Crianças para propor outras atividades, enquanto discutíamos sobre as atividades propostas, as crianças fizeram o diário de bordo do dia e fizemos o plano anual para ficarmos mais organizados nos encontros.

Diário de Bordo do dia 22/06

O encontro do GT nesse dia propôs continuar o tema família e solidariedade, as pedagogas Jéssica, Alcilene, Luciana e Priscilla ficaram responsáveis pela atividade do dia, fizeram uma história coletiva com as crianças e apresentações (show de talentos). A Larissa, a Joyce e a Joana ajudaram as meninas com as atividades, e a Maria Luísa foi a relatora, enquanto que as demais estavam confeccionando o lanche, que contou com o apoio de alunos dos outros GT's.

Portanto o encontro aconteceu dessa forma:

1: As crianças sentaram em roda e as pedagogas explicaram como se faz uma história coletiva. As outras monitoras foram preparar o sanduíche natural para o lanche.

2: As crianças, junto com as pedagogas, fizeram a história coletiva utilizando objetos tirados de uma caixa preparada para essa atividade.

3: Foi realizado um debate sobre a história montada. E foi compartilhada a opinião das crianças com uma discussão sobre a moral da história.

4: Foi distribuída para as crianças uma folha A4, onde elas desenharam de um lado a família e do outro a família daqui a 10 anos.

5: Apresentação dos desenhos.

6: Preparação para o "show de talentos", e em seguida houve a apresentação.

7: Lanche coletivo.

No próximo encontro o GT pretende continuar as atividades com as crianças e encerrar o tema solidariedade e família.

Diário de Bordo 07/07/2013

No último sábado, a comunidade de Sol Nascente foi convidada a participar de debates sobre o impacto do lixo e esgoto para a comunidade e oficinas oferecidas pelo TJDFT. Dentro desse debate foram abordadas diversas temáticas:

- Por que separar os resíduos sólidos?
- E o que é coleta seletiva?
- O que é coleta seletiva multi- seletiva?
- Agente ambiental: Catadores preservando o meio ambiente.

Após uma reunião com os alunos dos diversos GT's com a presença do Marcílio, foi de comum acordo que não seria justo privar a comunidade de participar das oficinas, pois o nosso projeto é contínuo, e essa oportunidade que a comunidade teve, não acontece sempre.

Sábado que vem, daremos continuidade ao nosso trabalho. O Nathan já comprou os materiais necessários para a pintura das bolsas com as costureiras e já foram entregues para o Marcílio.

Abaixo segue algumas fotos da comunidade engajada nas atividades ofertadas.

Diário de Bordo do dia 13/07/2013

Primeiramente, nós conversamos com as crianças, que esse seria o nosso último encontro, pois iremos entrar de férias, explicamos que esse é um projeto que é desenvolvido de quatro em quatro meses, que quando o semestre acaba nós alunos temos um período de férias.

Logo em seguida, nós pedimos para cada criança fazer um desenho, ou escrever uma frase, expressando o que eles acharam do nosso trabalho que foi desenvolvido no primeiro semestre de 2013.

Por último, tivemos a ideia de gravar o depoimento de cada criança, onde cada uma falou o que mais gostou no projeto e o que menos lhe agradou, e também deram sugestões sobre o que eles gostariam que nós fizéssemos com eles no próximo semestre.



Imagem retirada no encontro do dia 13/07/2013. No momento as crianças estavam registrando no papel.

Planejamento 2/2013

Temas do semestre:

- União (setembro)
- Dias das Crianças (outubro)
- Drogas/ Violência (outubro)
- Consciência Negra (novembro)

Setembro:

21/09 > União > coordenadores > Ket e Eliabe.

28/09 > União > coordenadores > Bianca e Márcio

Outubro:

19/10 > Dia das Crianças (Gincana, corrida do saco, do ovo, caça ao tesouro, dança da cadeira) > coordenadores > TODOS.

26/10 > Drogas > coordenadores > Larissa, Gisleide.

Novembro:

09/11 > Consciência Negra (Diversidade) > coordenadores > Sabrina e Priscila.

23/11 > Preconceito/ Racismo/ O que é? Coordenadores > ????

OBS: OS RELATÓRIOS SERÃO FEITOS PELOS COORDENADORES DE CADA ENCONTRO.